Capítulo 21

Do Transporte à Memória - Fé, Patrimônio e Transmissão Intergeracional na Romaria dos Carreiros de Trindade-GO

From Transportation to Memory: Faith, Heritage, and Intergenerational Transmission in the Pilgrimage of the Carreiros of Trindade, Goiás

Idaibes da Páscoa Silva

Resumo: Este estudo analisa a Romaria dos Carreiros de Trindade, em Goiás, como manifestação de religiosidade popular e patrimônio cultural, enfatizando os processos de transmissão intergeracional, construção da memória coletiva e ressignificação do carro de boi diante das transformações da sociedade contemporânea. A investigação adota abordagem qualitativa, de natureza histórica, bibliográfica e documental, articulando estudos sobre memória, religiosidade, patrimônio cultural e formação histórica de Trindade com fontes normativas e registros relacionados à Romaria do Divino Pai Eterno. Argumenta-se que a permanência do carro de boi na peregrinação não decorre da conservação de sua antiga função econômica, mas de sua transformação em suporte de memória, identidade, pertencimento e devoção. A análise evidencia a centralidade das famílias, dos carreiros, candeeiros e demais integrantes das comitivas na transmissão de conhecimentos relacionados aos animais, aos equipamentos, aos percursos, aos pousos e às práticas religiosas. Discute-se, ainda, a convivência entre tradição e modernidade, bem como os desafios decorrentes da crescente visibilidade turística e da espetacularização do desfile. Conclui-se que a Romaria dos Carreiros constitui patrimônio vivo porque sua continuidade depende menos da imobilização de formas tradicionais do que da capacidade das comunidades de atribuir novos sentidos às práticas recebidas das gerações anteriores. Nesse processo, o carro de boi deixou de ser indispensável ao transporte moderno, mas tornou-se indispensável à memória.

Palavras-chave: romaria dos carreiros; patrimônio cultural imaterial; memória coletiva; religiosidade popular; transmissão intergeracional.

Abstract: This study analyzes the Carreiros Pilgrimage of Trindade, Goiás, Brazil, as a manifestation of popular religiosity and cultural heritage, emphasizing the processes of intergenerational transmission, construction of collective memory, and resignification of the ox cart in the face of transformations in contemporary society. The research adopts a qualitative, historical, bibliographic, and documentary approach, bringing together studies on memory, religiosity, cultural heritage, and the historical formation of Trindade with normative sources and records related to the Pilgrimage of the Divine Eternal Father. It is argued that the persistence of the ox cart in the pilgrimage does not result from the preservation of its former economic function, but from its transformation into a vehicle of memory, identity, belonging, and devotion. The analysis highlights the central role played by families, carreiros, candeeiros, and other members of the groups in transmitting knowledge related to animals, equipment, routes, stopping places, and religious practices. The article also discusses the coexistence of tradition and modernity and the challenges arising from the increasing tourist visibility and spectacularization of the parade. It concludes that the Carreiros Pilgrimage constitutes living heritage because its continuity depends less on freezing traditional forms than on the communities' capacity to assign new meanings to practices inherited from previous

DOI: 10.47573/aya.6228.3.59.21

generations. In this process, the ox cart ceased to be indispensable to modern transportation but became indispensable to memory.

Keywords: carreiros pilgrimage; intangible cultural heritage; collective memory; popular religiosity; intergenerational transmission.

INTRODUÇÃO

A Romaria do Divino Pai Eterno, realizada em Trindade, Goiás, constitui uma das mais expressivas manifestações religiosas do Centro-Oeste brasileiro. Em seu interior, diferentes práticas devocionais, formas de peregrinação e experiências coletivas se desenvolveram historicamente, estabelecendo relações entre religiosidade, território, memória e identidade. Entre essas manifestações, destaca-se a tradicional Romaria dos Carreiros, caracterizada pela presença de famílias e comitivas que percorrem estradas e ruas conduzindo carros de boi em direção ao espaço sagrado de Trindade.

A presença contemporânea desses veículos suscita uma questão fundamental: por que o carro de boi permanece na peregrinação mesmo depois de ter perdido praticamente toda a importância que possuía como instrumento cotidiano de transporte e trabalho?

A questão ultrapassa a história de uma tecnologia rural. A permanência dos carros de boi revela processos culturais por meio dos quais determinados objetos, conhecimentos e práticas sobrevivem às condições econômicas que originalmente justificavam sua existência. Retirado progressivamente do cotidiano produtivo pela mecanização agrícola e pela expansão dos transportes motorizados, o carro de boi não desapareceu da Romaria. Ao contrário, passou a ocupar posição cada vez mais significativa como símbolo de memória, religiosidade, pertencimento familiar e identidade cultural.

A hipótese interpretativa desenvolvida neste estudo é a de que a perda da função utilitária do carro de boi favoreceu sua ressignificação simbólica. O que anteriormente constituía uma necessidade de transporte transformou-se progressivamente em escolha cultural e religiosa. Dessa maneira, sua permanência não representa simplesmente resistência à modernização ou tentativa de reproduzir integralmente o passado. Representa uma forma contemporânea de estabelecer vínculos com os antepassados e reafirmar pertencimentos.

Essa perspectiva permite compreender a Romaria dos Carreiros não como sobrevivência estática de um passado rural, mas como tradição continuamente reconstruída. A memória dos antigos carreiros é atualizada pelas novas gerações; conhecimentos relacionados aos animais e aos equipamentos são transmitidos no interior das famílias; antigos caminhos recebem novos significados; e o deslocamento em carro de boi, anteriormente determinado pelas condições materiais existentes, converte-se em experiência religiosa voluntariamente escolhida.

O problema também se relaciona diretamente ao debate sobre patrimônio cultural imaterial. A Constituição Federal de 1988 ampliou a compreensão do

patrimônio cultural brasileiro ao reconhecer como referências culturais não apenas edificações e objetos, mas também formas de expressão, modos de criar, fazer e viver relacionados à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Brasil, 1988). Posteriormente, o Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000, estabeleceu instrumentos específicos destinados ao registro dos bens culturais de natureza imaterial (Brasil, 2000).

Nesse campo, preservar não significa necessariamente impedir transformações. Uma celebração, um saber tradicional ou uma prática religiosa não pode ser protegido segundo a mesma lógica empregada para conservar uma edificação. Sua existência depende das pessoas que conhecem, praticam, interpretam e transmitem seus significados.

Na Romaria dos Carreiros, essa dimensão torna-se particularmente evidente. Seu patrimônio não se encontra exclusivamente nos carros de boi. Está também nos conhecimentos necessários à construção e conservação dos veículos, na preparação das juntas, na condução dos animais, nos comandos empregados pelos carreiros, na atuação dos candeeiros, na organização das comitivas, nos pousos, nas refeições compartilhadas, nas narrativas familiares e, sobretudo, nas promessas e experiências religiosas que atribuem sentido à peregrinação.

Imagem 1 – Representação visual dos carros de boi rumo a Trindade.



Fonte: Imagem elaborada pelo autor com auxílio de inteligência artificial (2026).

O objetivo deste estudo é, portanto, analisar a permanência da Romaria dos Carreiros de Trindade como manifestação cultural e religiosa, privilegiando quatro dimensões articuladas: sua formação histórica; a transmissão intergeracional dos saberes; a ressignificação do carro de boi; e os desafios contemporâneos relacionados à preservação do patrimônio cultural imaterial.

A análise procura demonstrar que a vitalidade da manifestação reside justamente na capacidade de estabelecer uma ponte entre tempos históricos diferentes. O passado não permanece intacto. Ele é selecionado, narrado,

reinterpretado e transmitido por sujeitos que vivem em uma sociedade profundamente distinta daquela em que o carro de boi constituía instrumento indispensável à economia rural.

METODOLOGIA E PERSPECTIVAS DE ANÁLISE

A investigação caracteriza-se como pesquisa qualitativa, de natureza histórica, bibliográfica e documental. A abordagem foi escolhida por possibilitar a compreensão da Romaria dos Carreiros não apenas como acontecimento religioso periódico, mas como prática cultural historicamente constituída e continuamente ressignificada.

A pesquisa bibliográfica reuniu trabalhos relacionados à história de Trindade, à religiosidade, à memória social, ao espaço sagrado e ao patrimônio cultural. Para a contextualização histórica da formação religiosa do antigo Barro Preto e do desenvolvimento da devoção, destacam-se as contribuições de Santos (1976), Jacob (2000), Gomes (2005) e Reinato (2009). Para a discussão sobre espaço e religiosidade, foram consideradas as reflexões de Eliade (1992) e Rosendahl (1996). A análise da memória e de suas relações com identidade e pertencimento dialoga particularmente com Bosi (1994) e Pollak (1989).

A dimensão documental compreende a legislação brasileira relativa ao patrimônio cultural, especialmente os artigos 215 e 216 da Constituição Federal de 1988 e o Decreto nº 3.551/2000, que instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial.

O conjunto documental reúne legislação federal sobre patrimônio cultural, reportagens do *Diário da Manhã*, publicação institucional da Prefeitura Municipal de Trindade e materiais iconográficos identificados nas respectivas legendas. A leitura dessas fontes foi articulada à bibliografia para examinar a formação histórica da devoção, a institucionalização do desfile e os sentidos culturais atribuídos à permanência dos carros de boi.

A análise foi organizada em torno de categorias interpretativas consideradas centrais para o objeto: religiosidade, memória, transmissão intergeracional, identidade, ruralidade, tradição, modernidade, ressignificação e patrimônio cultural.

Metodologicamente, não se considera tradição como repetição inalterada de práticas provenientes do passado. A perspectiva adotada compreende que a continuidade cultural envolve permanências e mudanças. Cada geração recebe conhecimentos, práticas e narrativas das gerações anteriores, mas os vivencia em condições históricas diferentes, atribuindo-lhes novos significados.

Esse princípio é especialmente importante para compreender a Romaria dos Carreiros. A utilização contemporânea do carro de boi ocorre em uma sociedade caracterizada por rodovias, automóveis, máquinas agrícolas, telefones celulares, redes sociais e outros recursos inexistentes quando esses veículos desempenhavam papel central no transporte rural. A questão analítica, portanto, não consiste em verificar se a Romaria permanece exatamente igual ao passado, mas em

compreender como e por que determinados elementos permanecem significativos apesar das transformações sociais e tecnológicas.

DA FORMAÇÃO DE TRINDADE À PRESENÇA DOS CARROS DE BOI

A formação histórica de Trindade encontra-se profundamente relacionada à religiosidade popular desenvolvida no ambiente rural goiano durante o século XIX. Para compreender a posterior participação dos carreiros na peregrinação, é necessário considerar brevemente as condições históricas em que a devoção se constituiu.

Com o declínio da mineração, Goiás experimentou um processo de reorganização econômica marcado pela expansão da agricultura e da pecuária. Segundo Jacob (2000, p. 47), essas atividades desempenharam papel significativo na reorganização econômica e social da região. Em um território caracterizado pelas grandes distâncias e pelas dificuldades de circulação, animais, tropas e posteriormente carros de boi assumiram papel fundamental no transporte de pessoas e mercadorias.

Foi nesse universo predominantemente rural que se desenvolveram os acontecimentos associados à formação religiosa do antigo Barro Preto.

Segundo a tradição histórica de Trindade, Constantino Xavier de Maria e Ana Rosa de Oliveira estabeleceram-se na região nas primeiras décadas do século XIX. Por volta de 1840, o casal teria encontrado um pequeno medalhão de barro contendo a representação da Santíssima Trindade coroando a Virgem Maria. A partir desse acontecimento, familiares, vizinhos e moradores das proximidades passaram a reunir-se para orações diante da imagem.

Imagem 2 – Medalhão de barro da Santíssima Trindade.



Fonte: Arquivo da TV Pai Eterno, Trindade (2025).

A devoção, inicialmente doméstica, adquiriu gradativamente caráter comunitário. A residência do casal tornou-se insuficiente diante do crescimento

do número de participantes, conduzindo à organização de espaços destinados às celebrações. Posteriormente, a expansão da peregrinação contribuiu para o desenvolvimento de um núcleo populacional em torno do lugar sagrado.

Gomes (2005, p. 15) registra o crescimento progressivo da presença de peregrinos provenientes de diferentes localidades, atraídos por pedidos de graças, cumprimento de promessas e agradecimentos. A formação de Trindade encontra-se, dessa maneira, estreitamente relacionada ao movimento de pessoas em direção ao lugar de devoção.

A própria condição rural da sociedade goiana explica a participação histórica dos carros de boi. Para muitas famílias, viajar utilizando esses veículos não representava inicialmente a intenção consciente de preservar uma tradição. Tratava-se simplesmente do emprego dos recursos disponíveis para percorrer grandes distâncias transportando pessoas, alimentos, utensílios e outros materiais necessários à permanência durante a festa.

Esse aspecto é fundamental. A tradição que posteriormente seria valorizada como manifestação cultural nasceu de uma necessidade cotidiana.

O desenvolvimento institucional da devoção também transformou progressivamente o espaço de peregrinação. No final do século XIX, a atuação da Igreja Católica tornou-se mais direta. Os missionários redentoristas provenientes da Alemanha chegaram a Campininha das Flores em dezembro de 1894 e realizaram sua entrada oficial em Barro Preto em maio de 1895. Sua atuação representou uma etapa significativa na organização das celebrações e no atendimento aos peregrinos.

As relações entre práticas religiosas populares, hierarquia eclesiástica e lideranças locais não ocorreram sem conflitos. Em 1901, a romaria foi temporariamente transferida para Campininha das Flores, por determinação de Dom Eduardo Duarte da Silva, decisão que encontrou resistência entre os devotos. Em 1904, os festejos voltaram a ser realizados em Barro Preto, atual Trindade, com a presença dos missionários redentoristas, retomando sua participação na organização religiosa da romaria.

A resistência à transferência demonstra que a experiência religiosa não estava vinculada somente à imagem venerada. O próprio lugar havia adquirido significado.

Essa dimensão pode ser interpretada a partir das reflexões sobre o espaço sagrado. Eliade (1992) demonstra que a experiência religiosa estabelece distinções qualitativas no espaço, enquanto Rosendahl (1996) destaca a relação entre religião e organização simbólica do território. O lugar sagrado não constitui, nessa perspectiva, mero ponto geográfico: torna-se referência capaz de orientar deslocamentos, rituais e experiências de pertencimento.

Em Trindade, a peregrinação deve ser compreendida dentro dessa lógica. O deslocamento dos fiéis em direção ao santuário transforma estradas e caminhos em componentes da própria experiência religiosa. Caminhar, cavalgar ou viajar em carro de boi não representa apenas deslocar-se entre dois pontos. O percurso pode assumir sentidos de sacrifício, promessa, agradecimento e renovação da fé.

É nesse encontro entre caminho, religiosidade e cultura rural que se encontram as raízes históricas da Romaria dos Carreiros.

FÉ, FAMÍLIA E TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL

A continuidade da Romaria dos Carreiros não pode ser explicada exclusivamente pela permanência dos veículos. Sua principal estrutura de sustentação encontra-se nas pessoas e nas relações sociais construídas em torno da peregrinação.

A família ocupa posição central nesse processo. Pais, filhos, avós e netos compartilham conhecimentos relacionados à preparação dos carros, ao manejo dos bois, à organização das juntas, ao uso das cangas e dos tirantes, aos comandos utilizados durante o percurso, à preparação dos pousos e às práticas religiosas que acompanham a viagem. Grande parte desses conhecimentos não é transmitida por manuais. Aprende-se observando, acompanhando e fazendo.

A participação nas comitivas pode favorecer o aprendizado pela observação e pela convivência entre gerações. O acompanhamento dos percursos e o contato com os conhecimentos relacionados aos animais e aos carros de boi podem contribuir para a transmissão de saberes e de sentidos atribuídos à devoção. Nessa perspectiva, a presença das crianças pode ser compreendida como uma possibilidade de continuidade da tradição familiar. A Romaria converte-se, dessa forma, em espaço de educação não formal.

A transmissão intergeracional também envolve memória. Bosi (1994) evidencia a importância das lembranças na constituição da experiência social, enquanto Pollak (1989) demonstra as estreitas relações existentes entre memória e identidade.

As lembranças não existem isoladamente. São narradas, compartilhadas, selecionadas e atualizadas dentro dos grupos sociais. Na Romaria, histórias sobre antigos carreiros, viagens difíceis, pousos, chuvas, acidentes, promessas e graças alcançadas circulam entre as gerações e ajudam a construir sentidos para a participação presente.

Quando um filho percorre um caminho anteriormente realizado pelo pai ou pelo avô, o trajeto não é apenas geográfico. Existe uma sobreposição simbólica de tempos. O presente encontra o passado.

Imagem 3 – Desfile dos Carreiros de 2026.



Fonte: Raquel Araújo (2026).

Essa relação ajuda a compreender por que objetos que perderam importância econômica podem adquirir enorme valor cultural. O carro de boi transforma-se em suporte material da memória. Seus componentes, seu movimento e seu característico som evocam experiências relacionadas à vida rural e às gerações anteriores.

O conhecimento dos carreiros constitui parte essencial desse patrimônio. Conduzir uma junta de bois exige experiência com os animais, reconhecimento de seus comportamentos, identificação de limites físicos e compreensão da posição que cada animal deve ocupar. Da mesma forma, a conservação de um carro exige conhecimento sobre madeira, rodas, eixos, cangas, tirantes e demais componentes.

O candeeiro também desempenha papel significativo. Sua atuação integra um conjunto de saberes historicamente transmitidos pela convivência e pela experiência.

Esses sujeitos podem ser compreendidos como guardiões de conhecimentos, não porque conservem mecanicamente práticas intocadas, mas porque possuem capacidade de transmiti-las e adaptá-las às condições contemporâneas. A dimensão religiosa fornece outra camada de significado.

Os carreiros participam da Romaria por diferentes razões. Cumprimento de promessas, agradecimento por graças recebidas, pedidos de proteção para a família, para os animais ou para a produção rural e renovação da devoção ao Divino Pai Eterno encontram-se entre as motivações associadas à peregrinação.

O carro, nesse contexto, ultrapassa sua materialidade. Transportando pessoas, imagens religiosas, alimentos e objetos familiares, pode adquirir simbolicamente a condição de um oratório sobre rodas.

O percurso também participa do ritual. Poeira, sol, chuva, cansaço, cuidado com os animais e dificuldades da estrada são incorporados à experiência. A chegada a Trindade ganha significado justamente porque existe um caminho percorrido. Assim, a peregrinação transforma deslocamento em ritual e viagem em memória.

DO INSTRUMENTO DE TRABALHO AO PATRIMÔNIO - A RESSIGNIFICAÇÃO DO CARRO DE BOI

Uma das transformações mais significativas observadas na Romaria dos Carreiros encontra-se na mudança de função do próprio carro de boi.

Durante grande parte da história rural brasileira, esses veículos desempenharam funções diretamente relacionadas à sobrevivência e à economia. Transportavam pessoas, madeira, alimentos, produtos agrícolas e mercadorias. Em regiões com estradas precárias e reduzida disponibilidade de outros meios de transporte, constituíam instrumento fundamental da vida cotidiana.

A modernização modificou profundamente essa realidade. Automóveis, caminhões, tratores e outras máquinas assumiram progressivamente as funções anteriormente desempenhadas pelos carros de boi. A pavimentação das estradas, a mecanização das atividades agrícolas e a transformação dos sistemas produtivos contribuíram para reduzir sua utilização econômica. Seria possível imaginar que a perda da utilidade conduzisse ao desaparecimento.

Na Romaria de Trindade ocorreu um processo diferente. À medida que o carro deixou de ser indispensável ao transporte, sua presença na peregrinação passou a depender cada vez mais de uma decisão consciente dos participantes. Essa passagem é fundamental para a interpretação proposta neste estudo.

Imagem 4 – Desfile dos Carreiros nas imediações da Igreja Matriz do Divino Pai Eterno, em Trindade (GO), 2026.



Fonte: Acervo TV Pai Eterno (2026).

O carreiro contemporâneo dispõe de alternativas incomparavelmente mais rápidas e confortáveis para chegar a Trindade. Poderia realizar o percurso de automóvel, ônibus ou outro veículo motorizado. Ao escolher participar da peregrinação utilizando o carro de boi, atribui ao deslocamento um sentido que não pode ser explicado pela eficiência do transporte.

A viagem transforma-se em ato de memória. Transforma-se igualmente em demonstração pública de pertencimento e em manifestação de fé.

A redução de sua importância econômica não impediu sua permanência na peregrinação, na qual o veículo adquiriu novos sentidos religiosos e culturais. Quando deixa de ser necessário para transportar mercadorias, torna-se disponível para receber outros significados. O objeto utilitário transforma-se em símbolo.

Essa ressignificação permite compreender uma aparente contradição: uma tecnologia considerada ultrapassada pode permanecer profundamente atual culturalmente. O carro de boi não é preservado simplesmente porque é antigo. É preservado porque continua fazendo sentido.

Esse processo também demonstra a inadequação de uma concepção de tradição baseada na imobilidade. Os carros utilizados atualmente não circulam nas mesmas condições sociais do século XIX ou das primeiras décadas do século XX. Existem veículos de apoio, rodovias pavimentadas, telefones celulares, sistemas contemporâneos de comunicação, assistência e organização.

A incorporação desses elementos não significa necessariamente descaracterização. Uma tradição viva não precisa rejeitar a modernidade para demonstrar autenticidade. Sua continuidade pode depender justamente da capacidade de selecionar aquilo que deve permanecer e aquilo que pode ser transformado.

No caso dos carreiros, permanecem referências fundamentais: o carro, os bois, conhecimentos relacionados à condução dos animais, formas de organização das comitivas, relações familiares, sociabilidade durante os pousos e, principalmente, a dimensão religiosa da peregrinação. Outros elementos são adaptados. É nessa negociação entre permanência e mudança que a tradição continua existindo.

O DESFILE DOS CARROS DE BOI - ENTRE O CAMPO E A CIDADE

O Desfile dos Carros de Boi constitui um dos momentos de maior visibilidade da presença dos carreiros na Festa do Divino Pai Eterno.

Embora a presença dos carros de boi nas peregrinações a Trindade seja historicamente anterior, vinculada às condições de transporte da sociedade rural goiana, em 1988 a Prefeitura Municipal de Trindade promoveu o primeiro desfile estruturado de carreiros durante a Festa do Divino Pai Eterno, iniciativa destinada a valorizar e recuperar simbolicamente a memória das antigas peregrinações (Brandão, 1996). A partir de então, o evento cresceu progressivamente e consolidou-se como um dos momentos de maior visibilidade da Romaria.

Imagem 5 – Carreiródromo Municipal Ada Cyra.



Fonte: SECOM Trindade (2026).

Segundo registros institucionais da Prefeitura Municipal de Trindade, o desfile de 2026 reuniu 417 carros de boi e mais de 3 mil cavaleiros e muladeiros, evidenciando a expressiva participação das comitivas na celebração (Trindade, 2026). O número é significativo não apenas pela dimensão quantitativa.

Cada carro representa uma estrutura social que não aparece imediatamente nas estatísticas: famílias envolvidas na preparação, conhecimentos tradicionais, animais cuidados durante meses, equipamentos conservados, recursos destinados à viagem, promessas, histórias e memórias. Contar carros, portanto, não é suficiente para compreender a manifestação. É necessário compreender o que cada carro transporta simbolicamente.

O percurso do desfile também possui importante significado. A passagem das comitivas pelas ruas estabelece um encontro entre dois espaços frequentemente apresentados como opostos: campo e cidade.

Durante algumas horas, uma prática historicamente associada à ruralidade ocupa o espaço urbano. O som dos carros, dos animais e das comitivas modifica a paisagem sonora da cidade. A circulação cotidiana é reorganizada e o passado rural torna-se publicamente visível.

Imagem 6 – Desfile dos carros de boi diante da Igreja Matriz de Trindade.



Fonte: Reprodução/Afipe, publicada no Portal Agro2, na reportagem "Romaria 2024: desfile reúne cerca de 500 Carros de Boi, Cavaleiros e Muladeiros", de Dinake Núbia, em 3 jul. 2024.

O espaço urbano transforma-se, temporariamente, em lugar de celebração da memória rural goiana. O nome do Carreiródromo preserva a memória de Ada Cyra, menina de nove anos, natural de Damolândia, que morreu durante o desfile dos carros de boi realizado em 2002. Reportagem publicada pelo *Diário da Manhã* no ano seguinte ao acidente registra que a criança caiu do carro em que seguia com o avô e foi atingida por uma das rodas (Bernardes, 2003). A permanência de referências à menina na memória religiosa de Trindade também aparece em pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Goiás, que identifica objetos associados à sua trajetória entre os elementos de memória existentes na Sala dos Milagres do Santuário do Divino Pai Eterno (Corcinio Junior, 2020, p. 62-63).

No Carreiródromo, a bênção dos carreiros, familiares, carros e animais reafirma a dimensão religiosa da manifestação. Ainda que o desfile possua crescente visibilidade turística e cultural, sua inserção na Festa do Divino Pai Eterno continua fornecendo o principal contexto simbólico de sua realização.

A ornamentação e a apresentação dos carros acrescentam outra dimensão. O cuidado estético não representa apenas decoração. Pode expressar dedicação à festa, identidade familiar e pertencimento às comitivas.

A existência de espaços de memória dedicados aos carreiros reforça esse processo de reconhecimento. A homenagem aos sujeitos que percorreram os antigos caminhos goianos insere a experiência individual das famílias em uma narrativa mais ampla sobre a história cultural de Goiás.

A presença pública do carro de boi demonstra, portanto, que sua transformação simbólica não ocorre apenas dentro das famílias. Ela também acontece no espaço coletivo.

MEMÓRIA, RURALIDADE E PERTENCIMENTO

A ruralidade presente na Romaria dos Carreiros não deve ser interpretada exclusivamente como localização geográfica. Embora muitos participantes mantenham relações diretas com propriedades rurais, outros vivem em ambientes urbanos e preservam vínculos familiares, afetivos ou culturais com o campo. A ruralidade manifesta-se, nesse caso, por conhecimentos, valores, relações sociais, práticas e representações.

A Romaria oferece um espaço privilegiado para a atualização desses vínculos. Durante a preparação e o percurso, diferentes formas de solidariedade são mobilizadas. Alimentos são compartilhados, pousos são organizados, dificuldades são enfrentadas coletivamente e conhecimentos circulam entre os participantes. O pertencimento é produzido por essas experiências.

A memória também possui dimensão sensorial. O carro de boi não é lembrado apenas visualmente. Seu movimento, o contato com os animais, o cheiro da estrada, a poeira e principalmente seu característico canto ou gemido integram a experiência.

Para pessoas que viveram parte da infância ou juventude no ambiente rural, determinados sons podem mobilizar lembranças relacionadas ao trabalho, à família e às antigas viagens. Assim, o patrimônio não reside somente no objeto material. Encontra-se igualmente na experiência produzida por ele.

Bosi (1994) permite compreender como lembranças pessoais se relacionam às experiências coletivas, enquanto Pollak (1989) chama atenção para as relações entre memória, identidade, seleção e transmissão das lembranças. Aplicadas à Romaria, essas perspectivas mostram que o passado não é simplesmente recuperado: ele é reconstruído a partir das necessidades e experiências do presente.

A escolha de manter o carro de boi no centro da manifestação constitui, portanto, uma seleção cultural. Muitas características da antiga sociedade rural desapareceram ou foram profundamente modificadas. Outras permaneceram porque adquiriram capacidade de representar aquela experiência social.

O carro tornou-se uma dessas referências. Ele sintetiza, simbolicamente, trabalho, família, deslocamento, ruralidade, religiosidade e memória. Por isso, sua presença pode ser compreendida como elemento de identidade cultural.

TRADIÇÃO E MODERNIDADE - PERMANÊNCIAS, ADAPTAÇÕES E TENSÕES

A continuidade da Romaria dos Carreiros apresenta um aparente paradoxo. O carro de boi perdeu importância econômica. A agricultura foi mecanizada. As estradas foram pavimentadas. Os meios de transporte passaram por profundas transformações. A sociedade tornou-se predominantemente urbana. Apesar disso, a tradição permanece.

A explicação para essa permanência não está na rejeição da modernidade. Os próprios participantes utilizam tecnologias contemporâneas para organizar as viagens, comunicar-se, registrar acontecimentos e divulgar a peregrinação. Veículos motorizados podem acompanhar comitivas e oferecer suporte. Telefones celulares e redes sociais coexistem com bois, cangas e carros construídos segundo técnicas tradicionais.

Essa coexistência demonstra que tradição e modernidade não constituem necessariamente polos incompatíveis. A tradição permanece porque continua produzindo significado. Entretanto, a expansão da visibilidade pública da Romaria introduz desafios.

O crescimento do turismo religioso, a cobertura dos meios de comunicação e a transformação do desfile em atração para grandes públicos podem produzir tensões entre a experiência vivenciada pelos carreiros e sua apresentação como espetáculo.

Elementos da cultura sertaneja contemporânea e da chamada cultura country também passaram a coexistir com práticas mais antigas associadas aos carreiros. Essas transformações não devem ser interpretadas automaticamente como descaracterização. As culturas são dinâmicas e os participantes não vivem isolados das transformações sociais. O problema surge quando os sentidos atribuídos à manifestação pelos próprios sujeitos deixam de ocupar posição central.

Uma Romaria organizada prioritariamente para ser observada pode tornar-se diferente de uma Romaria organizada prioritariamente para ser vivida. Essa distinção possui consequências importantes para a salvaguarda.

O crescimento turístico e a valorização pública podem contribuir para a continuidade da manifestação, ampliar sua visibilidade e favorecer o reconhecimento social dos carreiros. Ao mesmo tempo, podem estimular processos de padronização, competição estética ou espetacularização.

O desafio consiste em assegurar que carreiros, candeeiros, famílias e comunidades permaneçam protagonistas da tradição. Preservar não significa transformar a Romaria em cenário de um passado idealizado. Significa garantir condições para que continue sendo experiência cultural e religiosa daqueles que a realizam.

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL E SALVAGUARDA

A ampliação do conceito de patrimônio cultural ocorrida no Brasil ao longo das últimas décadas oferece instrumentos importantes para interpretar a Romaria dos Carreiros.

Durante muito tempo, as políticas de preservação estiveram fortemente associadas a monumentos, edificações, obras artísticas e objetos materiais. O Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, representou marco fundamental na organização da proteção do patrimônio histórico e artístico nacional (Brasil, 1937).

A Constituição Federal de 1988 ampliou essa concepção. Seu artigo 216 reconhece como patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira (Brasil, 1988). Essa mudança abriu espaço para maior reconhecimento de celebrações, saberes, formas de expressão e modos de criar, fazer e viver.

Posteriormente, o Decreto nº 3.551/2000 instituiu o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e criou instrumentos voltados ao reconhecimento de diferentes categorias de referências culturais (Brasil, 2000).

A distinção entre patrimônio material e imaterial possui particular importância no caso da Romaria dos Carreiros. O carro de boi é material. Entretanto, a tradição não está contida somente nele.

Sem o conhecimento para construí-lo, conservá-lo e conduzi-lo; sem os saberes relacionados aos animais; sem as famílias; sem os percursos; sem os pousos; sem as narrativas; sem as promessas e sem a experiência religiosa, a simples existência física do veículo não seria suficiente para assegurar a continuidade da manifestação.

O patrimônio encontra-se justamente na articulação entre essas dimensões. Essa constatação modifica a própria ideia de preservação. Um carro de boi pode ser colocado em um museu e conservado fisicamente durante décadas. A Romaria, porém, somente pode continuar existindo se houver pessoas dispostas a colocar carros nas estradas, preparar animais, organizar viagens e atribuir significado religioso e cultural à experiência.

O patrimônio imaterial depende de sujeitos. Por essa razão, a salvaguarda não deve buscar congelar a manifestação em determinada configuração histórica. Cada geração receberá uma Romaria parcialmente diferente daquela vivenciada pela anterior.

Preservar sem imobilizar constitui, portanto, um princípio essencial. A transmissão às novas gerações assume posição estratégica nesse processo. Crianças e jovens que acompanham seus familiares não devem ser considerados apenas espectadores. São potenciais continuadores dos conhecimentos e significados que sustentam a tradição.

A salvaguarda precisa considerar, consequentemente, as condições concretas necessárias para essa transmissão: espaços para realização da manifestação, segurança nos percursos, condições adequadas para os animais, reconhecimento dos detentores dos saberes, documentação das práticas e participação efetiva das comunidades nas decisões relativas ao evento.

O reconhecimento público possui importância, mas não substitui a transmissão. Um patrimônio pode ser amplamente divulgado e, ainda assim, perder os conhecimentos que lhe conferem significado. No caso da Romaria dos Carreiros, a salvaguarda precisa privilegiar os sujeitos que fazem a tradição acontecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste estudo permite compreender a Romaria dos Carreiros de Trindade como manifestação situada no encontro entre religiosidade popular, memória, cultura rural, identidade e patrimônio.

Sua trajetória encontra-se relacionada à própria formação histórica da devoção desenvolvida no antigo Barro Preto. Em uma sociedade predominantemente rural, os primeiros deslocamentos utilizando carros de boi estavam associados às condições materiais existentes. O veículo era instrumento de transporte, trabalho e sobrevivência.

A modernização modificou profundamente essa realidade. Automóveis, caminhões, tratores, estradas pavimentadas e novas tecnologias tornaram o carro de boi economicamente dispensável. Contudo, sua perda de utilidade não produziu seu desaparecimento da peregrinação. Produziu uma transformação de significado. De instrumento necessário ao deslocamento, o carro converteu-se progressivamente em símbolo de fé, memória familiar, ruralidade e pertencimento. Esse processo constitui o principal argumento deste estudo.

A permanência do carro de boi não deve ser compreendida simplesmente como resistência à modernidade. Ela revela uma capacidade de ressignificação cultural. Os carreiros contemporâneos não reproduzem integralmente a vida de seus antepassados. Vivem em outra sociedade, utilizam tecnologias contemporâneas e participam de novas formas de sociabilidade. Ainda assim, escolhem colocar os carros nas estradas. Essa escolha atribui à viagem um significado que ultrapassa o transporte. O percurso transforma-se em ato de memória e experiência religiosa.

A família desempenha papel decisivo nessa continuidade. Pais, filhos, avós e netos constituem importantes redes de transmissão de conhecimentos. Técnicas de manejo dos animais, formas de preparação dos carros, comandos, equipamentos, histórias e práticas religiosas circulam entre gerações principalmente pela convivência. A Romaria constitui, nesse sentido, espaço de educação cultural não formal. São centenas de famílias e trajetórias. Cada carro reúne conhecimentos, trabalho, animais preparados, lembranças, promessas e histórias.

O crescimento da visibilidade, entretanto, produz novos desafios. Turismo religioso, cobertura midiática, valorização cultural e espetacularização podem coexistir com a tradição, desde que não retirem dos próprios carreiros e de suas comunidades o protagonismo na definição dos significados da manifestação. É justamente nesse ponto que o debate sobre patrimônio cultural imaterial se torna decisivo.

Preservar a Romaria não significa congelá-la. Significa assegurar condições para sua continuidade. A tradição somente permanecerá viva enquanto possuir significado para aqueles que a realizam e enquanto seus conhecimentos puderem ser transmitidos. Cada geração recebe uma herança, mas não simplesmente a repete. Interpreta-a, adapta-a às novas condições históricas e posteriormente a transmite. Por isso, a Romaria dos Carreiros não constitui sobrevivência estática de um passado rural. Ela é patrimônio vivo.

Sua força encontra-se na capacidade de aproximar tempos diferentes: o passado daqueles que abriram caminhos pelas estradas de Goiás, o presente das famílias que continuam realizando a peregrinação e o futuro das crianças e dos jovens que aprendem a tradição acompanhando pais e avós.

Enquanto os carros continuarem percorrendo os caminhos que conduzem a Trindade, não será apenas uma antiga tecnologia de transporte que retornará às estradas. Com eles seguirão histórias familiares, conhecimentos, promessas, lembranças e formas de pertencimento construídas ao longo de gerações. Cada carro que chega a Trindade transporta, simbolicamente, uma parte da memória cultural de Goiás. O carro de boi deixou de ser indispensável ao transporte moderno, mas tornou-se indispensável à memória.

É nessa transformação que reside uma das maiores forças da Romaria dos Carreiros: fazer do passado não um tempo perdido, mas uma herança continuamente vivida, renovada e transmitida.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Lucielle. **Cem mil assistem aos carreiros.** Diário da Manhã, Goiânia, 4 jul. 2003. Cidades. Disponível em: https://hemeroteca.ihgg.org/publicacoes/DIARIO_DA_MANHA/2003/07/DIARIO_DA_MANHA_2003_07_04.pdf. Acesso em: 30 out. 2026.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRANDÃO, Carlos. **Trindade vive a festa dos carros-de-bois**. Diário da Manhã, Goiânia, 5 jul. 1996. Local, p. 12. Disponível em: https://hemeroteca.ihgg.org/publicacoes/DIARIO_DA_MANHA/1996/07/DIARIO_DA_MANHA_1996_07_05.pdf. Acesso em: 12 set. 2026.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937.** Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, 1937.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Brasília, DF, 2000.

CORCINIO JUNIOR, Givaldo Ferreira. **Arte e devoção: ex-votos pictóricos do Divino Pai Eterno (Trindade/GO, séculos XX e XXI)**. 2020. 311 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano.** São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GOMES, Antônio. **O Divino Pai Eterno e o Santuário de Trindade**. Várzea Paulista: Editora CPP, 2005.

JACOB, Amir Salomão. **A Santíssima Trindade do Barro Preto: história da romaria de Trindade**. Goiânia: Gráfica e Editora Redentorista, 2000.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

REINATO, Eduardo José. **Imaginário religioso nos ex-votos e nos vitrais da Basílica de Trindade-GO**. História: Debates e Tendências, v. 9, n. 2, p. 314-331, jul./dez. 2009.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

SANTOS, Miguel Archângelo Nogueira dos. **Trindade de Goiás: uma cidade santuário — conjunturas de um fenômeno religioso no Centro-Oeste brasileiro.** 1976. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1976.

TRINDADE (Município). Prefeitura Municipal. **Mais de 417 carros de boi mantêm viva a tradição e emocionam milhares de fiéis durante a Romaria do Divino Pai Eterno 2026**. Prefeitura Municipal de Trindade, Trindade, GO, 2 jul. 2026. Disponível em: https://trindade.go.gov.br/42167-2/. Acesso em: 12 set. 2026.